A NEUROPSICOPEDAGOGIA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

GLAUCELI DA SILVA FLORÊNCIO

RESUMO
Atualmente, diversos pesquisadores reconhecem a importância do ensino presencial na Educação Infantil, pois ele proporciona às crianças a oportunidade de compreender e construir seu cotidiano e parte do mundo ao seu redor por meio de diversas linguagens. Essa fase educacional facilita o desenvolvimento de uma linguagem que organiza o pensamento cognitivo, permite a exploração de símbolos no espaço e no tempo, e possibilita que as crianças reflitam sobre o mundo ao seu redor. Nesse cenário, é essencial proporcionar o suporte necessário para superar tais desafios, destacando-se o papel da neuropsicopedagogia. Na Educação Infantil ela contribui significativamente ao oferecer estratégias para compreender e apoiar o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças desde os primeiros anos escolares. Esta pesquisa qualitativa utilizou levantamento bibliográfico e referencial teórico relevante para investigar essas dinâmicas. Os resultados indicaram a importância fundamental da neuropsicopedagogia dentro das instituições educacionais, especialmente nesta etapa escolar, na implementação de práticas que contribuam para a aprendizagem e para o desenvolvimento sociocognitivo.

Palavras-chave: Educação Infantil; Neuropsicopedagogia; Infância.

INTRODUÇÃO

Durante muitos séculos, não existiam instituições dedicadas ao cuidado específico das crianças. Na Idade Média, a infância era vista como um período breve e delicado, no qual as crianças eram tratadas como pequenos adultos. Elas compartilhavam dos mesmos espaços e responsabilidades dos adultos, sem que houvesse qualquer instituição exclusiva para sua proteção e cuidado.

Essa realidade começou a mudar significativamente a partir do século XVIII, quando avanços na medicina e na higiene contribuíram para a redução da mortalidade infantil. Progressivamente, os sentimentos em relação à infância entre familiares e na sociedade começaram a evoluir, abrindo caminho para uma compreensão mais dedicada e cuidadosa das necessidades das crianças.

Atualmente, quanto a Educação Infantil, essa fase tem como objetivo a aplicação prática do aprendizado e a conexão dos conteúdos com a realidade, o que demanda investimento em diversos conteúdos, métodos, espaços, abordagens pedagógicas e formas de avaliação voltados para a aprendizagem. A neuropsicopedagogia desempenha um papel crucial nesse contexto, proporcionando insights sobre como as crianças aprendem e se desenvolvem, considerando aspectos neurológicos, psicológicos e pedagógicos. Essa abordagem permite adaptar as práticas educacionais de modo a melhor atender às necessidades individuais de cada criança, promovendo um ambiente de aprendizado mais eficaz e inclusivo.

Entre as diferentes problemáticas tem-se que em alguns contextos, há uma tendência de antecipar a alfabetização e outros conteúdos acadêmicos formais na Educação Infantil, sem considerar o desenvolvimento natural e as necessidades lúdicas das crianças.

Nesse sentido, justifica-se a presente pesquisa no sentido de contribuir com reflexões a respeito do tema, para uma melhor aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Assim, como objetivo geral tem-se uma discussão sobre educação e infância; e como objetivos específicos, a Educação Infantil no contexto da neuropsicopedagogia e suas contribuições.

DESENVOLVIMENTO

SOBRE A INSTITUIÇÃO E A INFÂNCIA

Discutir a infância não é uma tarefa simples. No entanto, para obter uma compreensão abrangente do que ocorre nessa fase, é essencial revisitar a infância sob uma perspectiva histórica, uma vez que ela não existia simultaneamente em todas as culturas e períodos históricos:

> A ideia de infância é uma ideia moderna. Remetidas para o limbo das existências me-

ramente potenciais, durante grande parte da Idade Média, as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial. [...] Daí que, paradoxalmente, apesar de ter havido sempre crianças, seres biológicos de geração jovem, nem sempre houve infância (SARMENTO, 2003, p. 3).

Quando as instituições escolares foram criadas, inicialmente elas eram voltadas para a formação de adultos. Durante o período de reconhecimento da infância e sua institucionalização, prevalecia a ideia de que as crianças eram seres incompletos, uma noção originada por Platão. Segundo essa visão platônica, as crianças eram vistas como o futuro da nação e, por isso, deveriam ser educadas (NARODOWSKI, 2001).
A criança não deve ser vista apenas por suas carências; essa idealização precisa ser superada, levando em conta a maturidade que virá conforme sua faixa etária e a educação recebida. Com essa fragilidade física e moral, a criança precisa ser regulada e "adestrada" para que possa conviver socialmente. O adulto responsável ora lhe dá liberdade, ora lhe impõe limites, equilibrando e controlando suas ações (BOTO, 2002).
Dessa forma, nasceu uma disciplina voltada para a infância. As instituições escolares começaram a surgir com a intenção de controlar e direcionar a infância, considerando a criança um ser incompleto e sem experiências. A socialização promovida pelas instituições passou a ser vista como uma exigência e um dever da aprendizagem, trazendo consigo uma massificação do ambiente escolar (FOUCAULT apud SARMENTO, 2003, p. 4).
Ou seja: "A escola toma como método a ação dirigida ao engenho mediado, freando, com isso, os excessivamente rápidos e incitando os excessivamente vagarosos" (BOTO, 2002, p. 37).
Com o tempo, novas concepções de ensino precisaram ser criadas e repensadas. A concepção de criança e infância que originou as instituições escolares também precisou ser revisada, direcionando a elas novos olhares: "Se a escola de crianças pequenas precisa ser preparatória e oferecer continuidade com a escola elementar, então nós, como educadores, já somos prisioneiros de um modelo que termina como um funil" (MALAGUZZI, 1999, p. 101).
Na Educação Infantil, a criança está imersa em um ambiente que tanto oculta quanto revela as concepções de infância dos adultos ao seu redor:

A essas alturas, não é nada original o que podemos dizer do aluno, mas consideramos que um discurso que o enfoque e o situe no centro da cena pode ajudar a combinarmos as peças e observarmos, em um quebra-cabeça mais significativo, como é o arquétipo que o representa ou, melhor dizendo, como nós o representamos (grifo nosso). Nas salas de aula repletas, encontramos seres reais com um status (grifo do autor) em processo de mudança, que estão enraizados em contextos concretos, que têm suas próprias aspirações e que, em muitos casos, não se acomodam à ideia que os adultos haviam feito deles (SACRISTÁN, 2005, p. 16-17).

Refletir sobre a infância como era tratada no passado, com a inferioridade atribuída, a percepção de incapacidade, e a tentativa dos adultos de controlá-la definindo seus caminhos, não se adequa mais aos dias atuais:

Possibilidade, inferioridade, outro rechaçado, material da política. Marcas sobre a infância deixadas por um pensamento. Marcas de uma Filosofia da Educação. Marcas que situam a infância em uma encruzilhada entre a educação e a política. Primeiras marcas da infância na Filosofia da Educação. Antigas marcas da infância. Marcas distantes. Primeiras? Antigas? Distantes? (KOHAN, 2011, p. 59).

Segundo o autor, a concepção de infância não deve ser restrita à ideia linear de temporalidade. A infância é representada como um espaço de liberdade, um símbolo de afirmação, metaforizando a criação do pensamento através da ruptura e da descontinuidade com o que é considerado normal e estabelecido. Isso implica na necessidade de reconfigurar as práticas escolares e reconsiderar a visão que a sociedade tem da criança.
Quando se reconfigura a concepção de criança e infância, abre-se espaço para pluralizá-las, possibilitando novas formas de interação com elas. A diversidade das experiências

infantis deve sensibilizar o professor para os interesses genuínos das crianças, incentivando-o a escutá-las, observá-las e considerá-las integralmente, enriquecendo assim sua prática pedagógica:

Quem é a criança na qual a prática é centrada? [...] não existe algo como 'a criança' ou 'a infância', um ser e um estado essencial esperando para ser descoberto, definido e entendido, de forma que possamos dizer a nós mesmos e aos outros 'o que as crianças são e o que a infância é'. Em vez disso, há muitas crianças e muitas infâncias, cada uma construída por nossos 'entendimentos da infância e do que as crianças são e devem ser' (DALHBERG, 2003, p. 63).

A abordagem deixa de ser centrada apenas nas expectativas adultas, permitindo que as crianças assumam um papel de protagonismo no processo de ensino e aprendizagem.

PRINCÍPIOS DA NEUROPSICOPEDAGOGIA

Diversos estudiosos de diferentes áreas têm buscado compreender o campo da Educação, especialmente no que diz respeito às formas de aprendizagem humana. Piaget (1988) entende o aprendizado como um processo de crescimento intelectual que ocorre através do desenvolvimento das estruturas de pensamento, baseado na interação entre o indivíduo e o meio. Ele identifica três etapas nesse processo: assimilação, acomodação e equilibração.

A assimilação é o processo pelo qual o indivíduo integra novas informações às estruturas intelectuais que já possui. A acomodação, por sua vez, é o mecanismo que permite ao indivíduo ajustar seus esquemas ou estruturas cognitivas para incorporar as particularidades de novos objetos ou situações. A equilibração é o processo de compensação ativa das perturbações do meio, como dificuldades ou resistências, permitindo ao indivíduo superar desafios e resolver problemas.

Segundo Piaget, o desenvolvimento intelectual da criança resulta de um estado de equilibração progressiva, caracterizado por uma mudança contínua de estados de menor para maior equilíbrio. Cada estágio desse desenvolvimento representa uma forma de estabilidade pessoal e a sequência dos estágios caracteriza uma equilibração completa do desenvolvimento mental.

Vygotsky (1991), por outro lado, propõe que o aprendizado ocorre em diferentes níveis de desenvolvimento: o real e o potencial. O nível de desenvolvimento real se refere ao que a criança pode fazer sozinha, enquanto o nível de desenvolvimento potencial abrange o que a criança pode realizar com a ajuda de outras pessoas. No nível de desenvolvimento real, a criança demonstra suas funções intelectuais já amadurecidas; no nível potencial, essas funções estão em processo de maturação e apontam para realizações futuras.

Essas duas perspectivas oferecem uma compreensão abrangente das dinâmicas do aprendizado, destacando a importância da interação com o meio e o papel fundamental da mediação social no desenvolvimento cognitivo.

Nesses níveis, encontra-se a zona de desenvolvimento proximal, que, segundo Vygotsky (1991), é o intervalo entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela solução desses problemas com a orientação de um adulto.

De acordo com Vygotsky, vários fatores influenciam o desenvolvimento cognitivo. A hereditariedade, que envolve a composição genética, estabelece o potencial de aprendizagem do indivíduo, com comprovação científica dos aspectos genéticos relacionados à inteligência. Além disso, a influência do meio ambiente, que inclui estímulos e influências ambientais, altera os padrões de comportamento do indivíduo.

Partindo para a Neuropsicopedagogia, tem-se que:

[...] a neuropsicopedagogia procura reunir e integrar os estudos do desenvolvimento, das estruturas, das funções e das disfunções do cérebro, ao mesmo tempo que estuda os processos psicocognitivos responsáveis pela aprendizagem e os processos psicopedagógicos responsáveis pelo ensino (FONSECA, 2014, p.1).

A neuropsicopedagogia é uma área de estudo que integra os processos de ensino e

aprendizagem. Os estudantes não conseguem se desenvolver sem considerar os diversos contextos sociais, históricos, culturais, educacionais, econômicos, entre outros. Esses contextos estão relacionados aos processos cerebrais, onde as sinapses contribuem para a liberação de substâncias químicas, os neurotransmissores, que desempenham um papel crucial na aquisição da aprendizagem (ARAUJO et al., 2010).
Em outras palavras, para que os estudantes aprendam, é necessário haver uma interação entre os aspectos biológicos e os aspectos sociais e psicológicos, permitindo que eles alcancem sucesso durante sua trajetória escolar.
O cérebro, principal órgão do Sistema Nervoso Central (SNC), é responsável pelo controle corporal e pela aprendizagem. As contribuições da neuropsicopedagogia no processo educacional ajudam a evitar o fracasso escolar ao longo da Educação Básica.
A plasticidade neural, especialmente na infância e juventude, quando bem estimulada, pode reduzir significativamente as dificuldades de aprendizagem, pois o cérebro está em constante adaptação, criando e recriando processos e conhecimentos.
Para esta área de conhecimento, o fracasso escolar muitas vezes está relacionado a uma combinação de fatores biológicos, sociais, históricos e econômicos, que influenciam diretamente a aprendizagem, especialmente para aqueles com histórico de insucesso escolar nas etapas da Educação Básica. Portanto, é necessário realizar uma intervenção significativa para que o estudante possa se desenvolver de maneira eficaz:

Representação de entretenimentos e jogos que promovam a motivação e interesse da criança a participar de forma ativa; conter elementos de diferenciação que possam prender a atenção da criança durante o processo; possibilitar a estimulação das áreas mais comprometidas da criança, utilizando-se das mais desenvolvidas a fim de tornar a intervenção mais completa possível; eliminação de fatores inibitórios que possam bloquear a estimulação programada (PERUZZOLO e COSTA, 2015, p.7).

O uso da Neuropsicopedagogia traz grandes possibilidades, especialmente no contexto da Educação Inclusiva. Além disso, é fundamental contar com a criação de Políticas Públicas, a formação docente adequada, o apoio psicológico e outras medidas que dependem não apenas das escolas, mas também dos governantes:

As neurociências não propõem uma nova pedagogia e nem prometem solução para as dificuldades da aprendizagem, mas ajudam a fundamentar a prática pedagógica que já se realiza com sucesso e orientam ideias para intervenções, demonstrando que estratégias de ensino que respeitam a forma como o cérebro funciona tendem a ser mais eficientes (COSENZA e GUERRA, 2011, p.139).

É fundamental entender que o estudante é um ser social e afetivo antes mesmo de iniciar a vida escolar. Portanto, é necessário considerar os quatro pilares da educação: aprender a ser, a fazer, a conviver e a conhecer, com o objetivo de desenvolver diversas competências e habilidades que devem ser constantemente aplicadas.

A NEUROPSICOPEDAGOGIA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Neuropsicopedagogia é uma área interdisciplinar que une conhecimentos da neurociência, psicologia e pedagogia, com o objetivo de compreender e promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes. Na Educação Infantil, essa abordagem ganha um destaque especial, pois é nessa fase que o cérebro das crianças está em pleno desenvolvimento, mostrando uma grande plasticidade neural que permite a formação de novas conexões sinápticas. A aplicação dos seus princípios no cotidiano escolar pode trazer benefícios significativos para a aprendizagem e o bem-estar das crianças (CONASS e SCNEIDER, 2013).
Uma das principais contribuições desta é a compreensão de como o cérebro aprende e se desenvolve. As pesquisas indicam que, na primeira infância, o cérebro é extremamente receptivo a estímulos externos, o que torna essa fase crucial para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais. Por isso, é essencial que os educadores da Educa-

ção Infantil utilizem estratégias de ensino que estimulem todas as áreas do desenvolvimento infantil.

Atividades que envolvem estímulos sensoriais e motores são fundamentais na Educação Infantil. Brincadeiras que envolvem o toque, a visão, a audição, o paladar e o olfato contribuem para o desenvolvimento das vias sensoriais do cérebro. Além disso, atividades que incentivam o movimento, como correr, pular e manipular objetos, são importantes para o desenvolvimento motor e para a construção de habilidades espaciais e de coordenação.

A Neuropsicopedagogia também enfatiza a importância do desenvolvimento socioemocional. As interações sociais e emocionais são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades como empatia, autocontrole e resolução de conflitos. Na Educação Infantil, é essencial criar um ambiente acolhedor e seguro, onde as crianças possam expressar suas emoções e aprender a lidar com elas de maneira saudável. Jogos cooperativos, atividades em grupo e momentos de conversa são algumas das estratégias que podem ser utilizadas para promover essas habilidades (FERNANDEZ, 2010).

O brincar é a principal forma de aprendizagem na infância. Através do brincar, as crianças exploram o mundo, experimentam novas ideias e desenvolvem sua criatividade e imaginação. A Neuropsicopedagogia valoriza o aprendizado lúdico como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento cognitivo. Jogos educativos, histórias interativas e atividades artísticas são algumas das formas de integrar o aprendizado lúdico ao currículo da Educação Infantil (PINTO, 2009).

Cada criança é única e tem seu próprio ritmo de desenvolvimento. A abordagem enfatiza a importância de reconhecer e respeitar essas diferenças individuais. Na Educação Infantil, isso significa oferecer um ensino personalizado, que leve em consideração as necessidades e potencialidades de cada criança. Avaliações contínuas e observações cuidadosas podem ajudar os educadores a identificarem dificuldades e talentos, ajustando as estratégias de ensino de acordo com essas informações (BEAUCLAIR, 2014).

Para que seja efetivamente integrada ao cotidiano da Educação Infantil, é essencial que os educadores estejam bem-informados e capacitados. Cursos de formação continuada, workshops e leituras sobre neurociência e desenvolvimento infantil podem fornecer aos professores as ferramentas necessárias para aplicar esses conhecimentos em sala de aula. Além disso, a colaboração entre educadores, psicopedagogos e outros profissionais de apoio pode enriquecer o ambiente escolar e oferecer um suporte mais completo às crianças (BELSKY, 2010).

Além disso, ela oferece uma abordagem abrangente e integrada para a Educação Infantil, considerando tanto os aspectos biológicos quanto os sociais e emocionais do desenvolvimento infantil. Ao aplicar esses princípios no cotidiano escolar, os educadores podem criar um ambiente de aprendizado mais rico e estimulante, que favorece o desenvolvimento integral das crianças.

Dessa forma, a Neuropsicopedagogia não apenas contribui para a melhoria do desempenho acadêmico, mas também para a formação de indivíduos mais completos e preparados para os desafios da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo explorou, entre outras questões, as concepções de infância e o papel do jogo na Educação Infantil, analisando sua contribuição para o desenvolvimento intelectual e físico, com foco no aprimoramento do desenvolvimento cognitivo e de outras habilidades.

A Neuropsicopedagogia representa uma abordagem essencial na Educação Infantil, oferecendo ferramentas para compreender e atender às necessidades específicas das crianças em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Ao integrar conhecimentos da neurociência, psicologia e pedagogia, essa disciplina contribui significativamente para a identificação precoce de dificuldades de aprendizagem e para a implementação de estratégias educacionais mais eficazes e inclusivas.

Na prática, esta área não apenas busca mitigar as dificuldades de aprendizagem, mas também promove um ambiente escolar que valoriza a diversidade de ritmos e estilos de aprendizagem das crianças. Ao reconhecer a importância da plasticidade neural na infância, incentiva-se o desenvolvimento de práticas educativas que estimulam habilidades cognitivas, sociais e emocionais de maneira integra-

da.
Dessa forma, investir na formação de profissionais capacitados em Neuropsicopedagogia é fundamental para garantir uma Educação Infantil mais inclusiva, adaptada às necessidades individuais de cada criança e alinhada aos avanços científicos e pedagógicos.
Promover o desenvolvimento integral das crianças desde os primeiros anos de vida não apenas prepara-as para os desafios futuros, mas também fortalece os alicerces de uma sociedade mais equitativa e consciente das suas responsabilidades educacionais.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, R.V.S. et al. Papel das Sinapses Elétricas em Crises Epilépticas. Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/jecn/v16n4/06.pdf Acesso em 21/mai/2019. Acesso em: 08 jul. 2024.

BEAUCLAIR, J. Neuropsicopedagogia: inserções no presente, utopias e desejos futuros. Rio de Janeiro: Essence All, 2014.

BOTO, C. Desencantamento da criança: entre a renascença e o século das luzes. In: FREITAS, M. C; KUHLMANN, M. (Orgs.). Os intelectuais na história da infância. São Paulo: Cortez, p. 11-60, 2002.

CONASS; SCNEIDER, A. Hiperatividade e déficit de atenção (TDAH). Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância –, atualizado julho 2013.

COSENZA, R.M.; GUERRA, L.B. Neurociência e educação: como o cérebro aprende. Porto Alegre, Artmed,2011.

FERNANDEZ, A. C. G. Aportes de la Neuropsicopedagogía a la pedagogia. La visión de Jennifer Delgado em: Desmistificación de la Neuropsicopedagogía. Colômbia, ASOCOPSIP, 2010.

FONSECA, V. Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. Revista Psicopedagogia, Portugal. 2014.

KOHAN, W.O. Infância entre educação e filosofia. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MALAGUZZI, L. Histórias, Ideias e Filosofia Básica. In: EDWARDS, Carolyn GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança: A abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

NARODOWSKI, M. Infância e Poder: a conformação da Pedagogia Moderna. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

PERUZZOLO, S. R.; COSTA, G.M. T. Estimulação precoce: contribuição na aprendizagem e no desenvolvimento de crianças com deficiência intelectual. Revista de Educação do Ideau. v. 10, n. 21, 2015. Disponível em https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/246_1.pdf. Acesso em: 09 jul. 2024.

PIAGET, J. Seis estudos de Psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária;1998.

PINTO, R.G. Práticas de socialização e desenvolvimento na educação infantil: contribuições da psicologia sociocultural. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 511-525, 2009.

SACRISTÁN, J.G. O aluno como invenção. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SARMENTO, M.J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A.B. (Org.). Crianças e Miúdos. Perspectivas Sócio Pedagógicas da Infância e Educação. Porto: Asa, 2003.

VYGOTSKY, L.S.A. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes;1991.